

ID: 115804705

24-02-2025

# Britânicos: os aliados a quem Soares pediu apoio militar para travar o comunismo em pleno PREC

**ALIANÇA** Durante séculos, os britânicos deram-nos proteção contra os espanhóis e, em troca, receberam benesses em Portugal, no Brasil e na Índia. Estavam até dispostos intervir militarmente em 1975, a pedido de Mário Soares. Hoje, são perto de 50 mil e formam uma *nação* onde se sentem tão em casa que até fazem caçadas à raposa ao fins de semana.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

S eis séculos e meio depois de terem selado o Tratado de Windsor (1373) que deu origem à mais antiga aliança ainda em vigor em todo o mundo, portugueses e ingleses continuam interligados e de boas relações, apesar do divórcio europeu. Temos naquele país perto de 480 mil nacionais e no nosso os britânicos formam uma comunidade de cerca de 50 mil pessoas, que aumentou com o *Brexit*, maioritariamente distribuída entre o Algarve, Lisboa e a zona centro. Adoram cá viver e tudo o que isso tem de bom: o sol, a comida, a segurança, o não terem de falar português e o poderem continuar a fazer caçadas à raposa, aos fins de semana, no Alentejo e no Ribatejo, *just like home*. Sim, como se estivessem em casa.

Ao longo de 650 anos, os dois países têm sido uma espécie de *best friends forever*, com a proteção militar dos ingleses a ser retribuída com atenções, simpatias e concessões por parte dos portugueses. O Vinho do Porto é só um dos frutos desse bilateralismo especial.

Em todos estes anos “foram inúmeras as vezes em que os ingleses vieram em apoio de Portugal ou se disponibilizaram para tal, permitindo que o país mantivesse as suas fronteiras e soberania”, assevera ao DN José Miguel de Carvalho Cerqueira, investigador do CEI (Centro de Estudos Internacionais

do ISCTE) e do Instituto de Altos Estudos Militares. E isso não aconteceu só na longínqua Batalha de Aljubarrota, nas Invasões Francesas ou nas Guerras Liberais, como nos lembra o investigador e membro da Royal British Legion.

Numa era bem mais recente, em Novembro de 1975, quando Portugal vivia o seu Processo Revolucionário em Curso (PREC) e ficou na iminência de uma Guerra Civil entre as forças revolucionárias de extrema-esquerda e os militares moderados do *Grupo dos Nove*, “foi ao Reino Unido, e não aos Estados Unidos, que Mário Soares se dirigiu para pedir ajuda militar, caso a situação se extremasse”, disse Carvalho Cerqueira ao DN. “Isto não está escrito, mas foi o próprio Mário Soares que me confidenciou num jantar, há uns 12 anos, no Algarve”, garantiu o investigador.

Nesse período conturbado, que



**José de Carvalho Cerqueira**  
 Investigador do CEI-ISCTE, do IAEM  
 e diretor do Royal British Club

precedeu o 25 de Novembro, em que o então líder socialista estava convencido do risco de um conflito armado, “ele disse-me que já tinha falado com os ingleses, que nem pestanejaram, e tinham tropas prontadas para desembarcar no Porto para fazer frente aos comunistas, no caso de um golpe”.

Na biografia *Mário Soares, Uma Vida*, de Joaquim Vieira, o próprio admitia: “Organizei com o Callaghan e com um oficial da Royal Air Force a possibilidade de existirem apoios militares externos muito sérios caso se desencadeasse uma Guerra Civil em Portugal.” Nas suas memórias, aquele primeiro-ministro inglês haveria também de confirmar a preparação de apoios britânicos para essa eventualidade, embora sem detalhes, refere Joaquim Vieira.

“A mim não me falou em tropas, mas também não lhe perguntei. Curiosamente, sempre admiti que poderiam tratar-se de militares britânicos a atuar em Portugal”, disse o jornalista ao DN.

Também Rui Mateus, autor de *Contos Proibidos – Memórias de um PS desconhecido*, haveria de fazer referência aos envelopes de dinheiro recebidos pelos PS e da articulação com os serviços secretos ingleses MI6 para reagir a um possível golpe comunista.

O episódio, que só não ficou conhecido porque a via pacífica acabou por vencer, foi apenas uma



**A comunidade inglesa faz caça à raposa no Alentejo e no Ribatejo regularmente aos fins de semana, com cães Fox Hound.**

prova de como a aliança luso-britânica tem resistido aos séculos. Mais lá atrás no tempo fica o seu apoio militar decisivo num dos marcos mais importantes da História de Portugal, a Batalha de Aljubarrota, vencida em 1385 contra os castelhanos. É, aliás, aqui que se reforça a aliança luso-britânica, selada um ano depois com a assinatura do Tratado de Windsor e o ca-

samento do rei D. João I com D. Filipa de Lencastre.

Determinante seria igualmente o auxílio dos Cruzados Ingleses para a tomada de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques, nota o também diretor do Royal British Club. Ou quando a frota inglesa disponibilizou quatro naus para acompanhar a Armada Portuguesa que transportou a família real e a corte para o Brasil, quando da invasão francesa de 1808. O gesto seria retribuído com a abertura de portas aos ingleses no Brasil, que “passaram a ter os mesmos direitos que nós”.

ID: 115804705

24-02-2025



Foi durante o reinado de Isabel II que o Reino Unido se disponibilizou a travar um golpe de Estado, em 1975.

Vivendo dentro da lei, a comunidade britânica tem um jeito muito particular de criar uma espécie de nação própria. Têm médicos ingleses ou voluntários que os acompanham nas idas aos hospitais, têm ferradores para os cavalos, advogados e solicitadores para tratar das burocracias, agências de imobiliário.

para participar no único local da Península Ibérica onde se caça com “equipagem à inglesa”. Ou seja, com o ritual próprio da caçada e tudo o que isso implica: as roupas a preceito, com as casacas vermelhas e os botões dourados, sem esquecer os cães de raça apurada para farejar raposas.

Nas últimas semanas chegaram a Portugal, vindos da Irlanda do Norte, 15 cães Fox Hound, propostadamente para estas caçadas. Na Grã Bretanha, as caçadas com matilha são proibidas há cerca de 20 anos, podendo, no entanto, usar-se até dois cães para simular uma caçada ou para perseguir a raposa até ela sair do esconderijo se estiver a causar prejuízo à propriedade ou ambiente. Mas na Irlanda do Norte continuam a ser permitidas. O tema ainda divide os britânicos, sendo que é uma prática a que a alta sociedade se dedica há mais de 300 anos, com especial adesão da família real.

Mais uma vez, os ingleses têm sorte com o acolhimento nacional. Aqui, a prática não é proibida, havendo regulares batidas à raposa – defendidas por caçadores e agricultores – se bem que o PAN tenha já tentado, sem sucesso, ilegalizar esta prática.

Vivendo dentro da lei, a comunidade britânica tem um jeito muito particular de criar uma espécie de nação própria. Muitos não falam português, nem precisam, sobretudo no Algarve. Têm médicos ingleses ou voluntários que os acompanham nas idas aos hospitais, têm ferradores para os seus cavalos, advogados e solicitadores para tratar das burocracias, agências de imobiliário. São autossuficientes e aqui sentem-se em casa, asseguram as fontes do DN.

Com raras exceções – como o célebre *Ultimatum* de 1891, devido a uma disputa colonial em África –, a relação entre os dois países foi quase sempre cordial, com vantagens para as duas partes. Portugal ajudava a impedir o domínio espanhol (ou francês) da Península Ibérica e, em troca, os britânicos ofereciam a sua proteção, que se estendia às nossas colónias na América, África e Ásia.

Os exemplos da proteção britânica sucederam-se ao longo dos anos e Portugal soube ser reconhecido. “Os ingleses entram na Índia pela mão dos portugueses, Bombaim é-lhes dada por nós”, lembra Carvalho Cerqueira. Em troca do abastecimento de trigo, em que Portugal nunca foi autossuficiente, os ingleses beneficiaram de condições favoráveis para a compra e produção de vinho no Douro, nomeadamente com o Tratado de Panos e Vinhos, assinado em 1703, que estabelecia que os ingleses teriam direitos preferenciais na compra dos vinhos portugueses e estes permitiriam a entrada livre de tecidos britânicos. Ao adicionarem aguardente, para não azedar com o transporte, acabariam por estar na origem do icónico Vinho

do Porto, um domínio de famílias inglesas até hoje. Outros sinais de reconhecimento foram sendo concedidos à comunidade britânica, como a oferta pela rainha D. Maria da Igreja de São Jorge e do contíguo Cemitério dos Ingleses, na Estrela, em Lisboa. Os ingleses beneficiaram também de facilidades para um hospital próprio, o British Hospital, ou um teatro, o Lisbon Players. No plano económico controlaram durante muito tempo empresas como a Carris e a Anglo-Portuguesa Telephone Company (ATP), uma das primeiras operadoras telefónicas no nosso país. Até aos anos 70 e 80 era comum os seus quadros integrarem a administração de grandes empresas a operar em Portugal.

#### A caça à raposa

Portugal e o mundo mudaram muito desde aquela época, mas há tradições que os britânicos fazem questão de manter, mesmo longe das brumas das *Highlands*. Em Portugal, a comunidade organiza semanalmente caçadas à raposa em campos alentejanos e ribatejanos. Quase todos os fins de semana, formam-se grupos a que se juntam também portugueses,